

JORNAL: JORNAL DO BRASIL LOCAL: GUANABARA

DATA: 12 / 10 / 1969 AUTOR: MARCELO DE MIRANDA

TÍTULO: TELAS ESTRAGADAS SÃO O QUE RESTA DO MUSEU DE RESENDE

ASSUNTO: RESENDE: MUSEU ABANDONADO

Simpósio

O estudo do psiquiatra Marco Antônio será debatido durante o I Simpósio de Emergência Psiquiátrica, a realizar-se de 15 a 17 deste mês no Hospital Pinel. Constatam do temário do conclave mais 22 trabalhos relacionados com a psiquiatria no Brasil. O simpósio foi organizado pela Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro e Centro de Estudos do Hospital Pinel, e será presidido pelos psiquiatras Osvald Moraes de Andrade e Amim Cúri.

O organograma inicial do Núcleo de Prevenção de Suicídios, preparado pelo psiquiatra Marco Antônio, contém um relato estatístico e informações sobre as causas e os métodos usados pelos predispostos ao suicídio para eliminar a vida.

— Acho inadequado para o nosso meio o uso de slogans públicos como métodos de prevenção ao suicídio, da maneira como são usados em países da Europa e nos Estados Unidos. Lá até nas cabinas telefônicas vêm-se plaquetadas com dizeres que procuram dissuadir os predispostos a se matarem e aconselhando-os a procurarem um remédio para a sua doença ou solução para o seu problema. No Brasil isso é contra a índole do próprio povo. É melhor para o nosso caso contarmos com uma publicidade de tipo diferente — disse o psiquiatra Marco Antônio.

O estudo para o futuro Núcleo de Prevenção aos Suicídios baseia-se em dados da Organização Mundial de Saúde. Em 400 milhões de pessoas, segundo uma pesquisa da OMS, calculou-se uma frequência média de 1,8% dos suicídios provocados por fatores sociológicos: migrações, guerras, endemias, oscilações políticas e catástrofes. O número de tentativas é cinco vezes maior, isto é, 9% do total.

Mil por ano

No Rio ocorrem cerca de mil suicídios por ano, registrados na polícia e em hospitais. Esta estimativa está longe de representar a realidade, pela própria ineficiência estatística, e pelo fato também de que grande parte dos que tentam se matar não procuram os hospitais. Mesmo assim, calcula-se que 5 mil pessoas tentaram o suicídio em 1968. As notificações de boletins médicos dos hospitais do Rio registraram 600 casos de suicídios em 1964, contra mil em 1968, aumentando sempre numa proporção de 100 por ano.

O problema do suicídio está diretamente proporcional ao nível cultural do país. Quanto maior o status sócio-econômico do indivíduo, maior a frequência de suicídios. O homem, segundo a psiquiatria, só é levado ao ato extremo quando a idéia do suicídio consegue romper as barreiras social, moral, estrutural e religiosa. É a vitória do *tanathos* contra o instinto de conservação, segundo Freud.

— Eu não acredito nisso — afirmou o psiquiatra Marco Antônio — pois na verdade resta sempre alguma esperança no interior da pessoa que quer se matar, externada na escolha errada da posição anatômica dos órgãos vitais.

nao na suicidio sem uma depressão vital e corporal. Surge individualmente a idéia de se eliminar individualmente, de maneira obsessiva e perseverante. O indivíduo ruma idéias de desesperanças. A iminência aumenta quando na família dele já ocorreu um caso de suicídio. Nesse caso, o indivíduo se sente como que autorizado a fazer o mesmo. Já foi proposto que o suicídio seria uma tara hereditária. Essa tese não vingou.

Em relação à nossa sociedade atual, a idéia mais frequente do suicídio é um esforço inconsciente de levar à família um sentimento de culpa e algumas vezes tentar provocar uma mudança nas relações com as pessoas, ou despertar mais carinho e dedicação por parte dos familiares e pessoas, depois do ato.

Pânico

A reação de pânico é o maior responsável pela desorganização do psiquismo. Muitas vezes a tentativa de suicídio não obedece a nenhuma explicação lógica, principalmente nos pacientes psiquiátricos puros (esquizofrênicos, epiléticos, etc.) justificando-se o internamento imediato num núcleo de atendimento.

Os métodos

Saltar de lugares altos, envenenamento, uso de instrumentos cortantes e perfurantes e atirar-se na frente de veículos em movimento são os métodos mais frequentes de tentativas ou suicídios. Em grande parte das tentativas, vê-se uma intenção deliberada de realmente exterminar-se. Isso não deve ser entendido à risca porque pode ocorrer que uma pessoa, por um problema passional qualquer, ingira 40 comprimidos de analgésico, sem conhecimento da potencialidade da droga.

Em relação ao sexo, a proporção verificada pelo psiquiatra é de um por três, entre homens e mulheres, no caso de tentativas de suicídio. Nos casos de morte o número de homens é maior, na proporção inversa. Os que apenas tentam contra a vida estão na faixa etária de 20 a 40 anos e os que se matam, realmente, na faixa de 40 a 60. Os motivos são diversos, destacando-se as psicoses maníaco-depressivas. Quanto à posição social e econômica, verificou-se que quanto mais elevados são a situação econômico-social e o desenvolvimento intelectual, maior é a frequência dos casos de tentativa.

O Núcleo

O psiquiatra Marco Antônio afirmou que a criação do Núcleo de Prevenção de Suicídios não depende de recursos financeiros. Para o seu funcionamento perfeito, precisa-se de uma campanha de divulgação dos seus objetivos, a fim de que a população compreenda a necessidade de se prestar sempre assistência aos que se encontram no limiar da loucura. O Núcleo, se for criado, funcionará no próprio Hospital Pinel, com o mesmo pessoal e recursos.

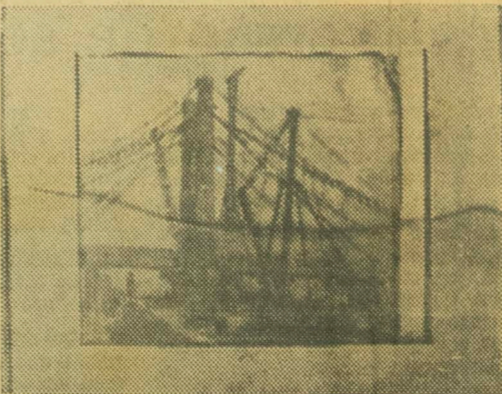
ano como fisioterapeuta critório do amigo da família rio de Aquino, que na o levou alguns jornais a ela se suicidara por amor

Os parentes de Kate cerca de um mês surgiu vermelha e dolorida, no mesmo dia a mãe levou-lia, Dr. Mauricio Brikma ficou muito preocupado poderia fazer o diagnóstico fizesse exames especializados corvo Filho, recomendar ppecialista em câncer.

Pelo
você
Pelo

Na África
comprar di
Johannesbu
iniciar neg
Ou visitar
Explore
é um Portu
Chegan
feche os ne
em Luand

Museu abandonado



Sugerido pelo pintor tcheco Jan Zach, o Museu de Arte Moderna de Resende foi criado graças ao entusiasmo de algumas pessoas, entre elas o escritor Marques Rebêlo. Foi o terceiro do Brasil, mas viveu pouco, pois foi considerado "coisa de maluco." Seu acervo, reunindo alguns dos maiores pintores brasileiros, está quase todo estragado.

Telas estragadas são o que resta do Museu de Resende

Carlos Alfredo Macedo Miranda
Fotos de Ronald Theobald

Resende já teve um Museu de Arte Moderna — foi há quase 20 anos. Hoje, o que resta dele são dezenas de telas de autores famosos mofadas e roídas por traças. Vários quadros estão desaparecidos, entre eles um Pancetti e um Segall, e outros no depósito da Prefeitura ou com particulares.

O escritor Marques Rebêlo, um dos criadores do museu, não acredita que ele volte a existir: "Esse espaço de tempo, numa cidade como Resende, não significa uma evolução: quer dizer apenas que os homens que mandam estão 20 anos mais velhos." O prefeito, que há duas semanas não sabia do museu, promete reabri-lo, desde que um dos prováveis candidatos à sucessão desista de apoiar o movimento.

Lembrança que ficou

— O grupo está precisando desta sala. Vocês têm que tirar isso daqui ainda hoje.

Numa manhã chuvosa de 1952, os homens que fizeram a mudança entenderam o quanto custava à professora Dulce Chaves a missão de lhes dizer que a sala do Grupo Escolar Olavo Bilac não era mais deles. Afinal ela também tinha sido fundadora do museu. "Mas da pressão política ninguém escapa" — explicam eles hoje. Já sem as verbas da Prefeitura, o Museu de Arte Moderna de Resende, o terceiro a ser criado no Brasil, começava a morrer — e não fazia nem dois anos que ele nascera.

Foi Jan Zach que teve a idéia de criá-lo. Hoje, Zach é o diretor do Museu de Eugene, no Oregon, mas naquela época era apenas um pintor que havia fugido da Tcheco-Eslováquia e morava no Penedo. Um dia, ele desceu a Resende para tratar de sua perna, que havia sido picada por um inseto. Contou ao médico Haroldo Rodrigues sua intenção e este, empolgado com a idéia, contagiou o coronel Paiva da Academia Militar, o secretário da Prefeitura e o próprio prefeito Geraldo Rodrigues.

Marques Rebêlo e o crítico Flávio de Aquino, que criaram os Museus de Arte Moderna de Cataguazes e Florianópolis, interessaram-se também pelo de Resende. O escritor se comprometeu a formar um acervo inicial, mas para isso a Prefeitura teria que abrir um crédito especial de 10 mil cruzeiros antigos.

Mentalidade que marcou

Desde o término do período áureo do café — riqueza do Sul do Estado do Rio — Resende declinava econômica e, em consequência, culturalmente: quase meio século de ostracismo. Um começo incipiente de industrialização não foi o bastante para mudar uma mentalidade fortemente arraigada: e, 1950, a arte moderna era muito avançada para o interior do Estado. Coisa de maluco foi o mínimo de que se chamou o movimento pelo museu. Na Câmara, o vereador João Mauricio bateu-se enquanto pôde contra a iniciativa. Afinal, a 19 de abril de 1960, foi aprovada a lei que criava o museu, depois de várias manobras da Prefeitura e dos outros interessados.

Marques Rebêlo cumpriu sua promessa: através de compras regateadas e doações, a primeira exposição pôde apresentar obras de Segall, Pancetti, Guignard, Liesler, Goeldi, Tarsila, Santa Rosa, Kubin, Karel, Percy Lau, Clóvis Graciano, Marcelo Grassman, Iberê Camargo, Milton Dacosta, Poty, Yllen Kerr, Luis Jardim, Atos Bulcão, Payga Ostrower, Polly MacDonnel e Jan Zach, entre outros — era o acervo inicial do museu.

Daí em diante, ele só fez progredir: dezenas de exposições foram organizadas e, geralmente, cada artista doava pelo menos uma de suas obras para o acervo. Nomes como Frank Schaeffer, Ivá Serpa, Iberê Camargo, Polly MacDonnel, Frances Dupaty, Toivo Suni, Santa Rosa e Isabel Pons foram alguns dos muitos que expuseram em Resende.

Citado diversas vezes no exterior como "de excelente nível" e visitado por personagens famosos da época — dizem que Getúlio Vargas foi um dos que assinaram o livro de registro — o museu ainda não era aceito na cidade, embora as aulas sobre arte e as conferências feitas por Carlos Lacerda, Murilo Mendes e Agripino Grieco, entre outros sobre temas da atualidade, tivessem sempre uma boa audiência.

João Mauricio se elegeu prefeito e continuava sua luta contra o museu. Em artigos escritos n'A Lira, O S. Vilaça seguia defendendo sua idéia de transformá-lo num museu de arte clássica, "a única realmente válida." Pouco tempo antes, durante a reconstrução da Matriz da cidade, Jan Zach havia sido convidado a pintar um afresco ocupando duas paredes da igreja.

Ao ver os estudos do pintor para a Fuga para o Egito, João Mauricio criticou-o duramente, dizendo que ele havia feito um São José "com cara de macaco." Aquilo é que era, então, a tal Arte Moderna? A Câmara era influenciada para não liberar a verba de NCr\$ 60 mil para seu pagamento. Monsenhor Ludovico, conhecido por seu reacionarismo, assistia calado: ele queria a verba, mas pretendia empregá-la na compra de vitrais coloridos — afinal, além de tudo, Jan Zach era protestante.

Luta que acabou

Sem meios de continuar a luta, os criadores do museu começaram a se desinteressar dele: Jan Zach foi para o exterior, o ex-secretário da Prefeitura, que perdera toda a sua clientela — "é aquele advogado maluco que pendura quadro de cabeça para baixo" — foi tentar a sorte no Rio, e assim por diante.

Quando Altamiro Pimenta assumiu a direção do museu, a Prefeitura já não lhe prestava o mínimo auxílio. Vários amigos da arte e que financiavam a vinda de pintores, a confecção de catálogos, o transporte do material e sua conservação. Assim mesmo, ele resistiu enquanto pôde.

Depois que foi despejado do grupo escolar, o museu conseguiu ser instalado no andar superior do Banco do Brasil, onde ainda pôde funcionar por algum tempo. Mais tarde, o banco precisou de sua sala, como já acontecera no grupo. O museu acabava de morrer.

"Não há lugar onde ele possa ser instalado." "Não há verbas para mantê-lo." "Não há interesse da cidade em preservá-lo." Foi o que Altamiro Pimenta e seus amigos ouviram sempre. Uma parte do acervo foi abandonada na

velha caixa d'água, no Alto do Rosário. A outra esteve no depósito da Prefeitura, no subsolo da Loja Maçônica e acabou sendo atirada a um canto da Biblioteca Municipal.

Interesse que se mantém

Passaram-se 18 anos. O prédio da Prefeitura ainda é o mesmo, literalmente caindo aos pedaços. Uma escada ameaçadora e um corredor encardido levam à sala do prefeito. Aarão Soares da Rocha é um homem de estatura média, cabelos brancos cortados rente e uma fala muito calma.

Em três anos de mandato, conseguiu elevar de NCr\$ 700 mil para NCr\$ 3 milhões o orçamento do município, ajudado pela lei que determina o recolhimento a seus próprios cofres do total arrecadado em impostos e contribuições.

Sem perder a tranquilidade, ele diz que nunca havia sequer ouvido falar de qualquer museu na cidade, embora seja resendense e nunca tenha saído de lá. Só há dias, ao entrar em seu gabinete, reparou que um grande quadro, pendurado na ante-sala, "estava com a moldura toda podre" e mandou que a levassem à loja do Rachid, onde lhe seria colocada uma nova moldura. O quadro é Rua das Laranjeiras, óleo de Iberê Camargo datado de 1948, sua melhor fase, segundo os críticos. Procurando saber de onde tinha vindo, ouviu falar no museu. "Ouvir e não se interessar mais."

— Obra cultural? Olha, eu entendo mesmo é de agropecuária.

Ao ouvir dizer do prestígio que a reabertura do museu lhe pode dar, Aarão — de quem se diz, na cidade, que pretende se candidatar a deputado estadual — se entusiasma e manda chamar Dona Valda, Professora primária formada em Educação Física, Dona Valda Valquiria Bruno é apresentada pelo prefeito como "responsável por todo o setor artístico e cultural da cidade."

— Eu gosto muito de arte moderna, mas, para dizer a verdade, não entendo nada. O Santa Rosa, por exemplo — meu Deus, que pintor mais complicado!

Dona Valda, que não ouviu o início da conversa, pisca para o prefeito e prossegue: — Ultimamente, o Dr. Aarão só tem falado em reabrir o museu. Nós precisamos dar um incentivo à arte em Resende.

Aarão, mais preocupado em assinar uma papelada trazida por seu assistente, balança a cabeça negativamente quando lhe perguntam se sabe a situação dos quadros ou, pelo menos, onde eles estão. Acaba se interessando pelo problema e promete que fará tudo para reabrir o museu, embora esteja sem verba e pretenda até paralisar as obras por três meses.

Herança que restou

No andar térreo da Prefeitura está instalada a Biblioteca Municipal — uma sala de cerca de 20 metros quadrados, com duas lâmpadas penduradas no teto, onde quem manda é o velho Nestor, de 74 anos, chefe da Banda de Santa Cecilia durante 50. A um canto da sala, a pilha de quadros: um óleo de Frank Schaeffer, desenhos de Yllen Kerr, Vera Tormenta, Poty, Santa Rosa, Iberê Camargo, uma série tcheca, várias gravuras japonesas do início do século, em papel de arroz, e outras obras. Quase todas mofadas. Algumas rasgadas, outras roídas por traças. Muitas, porém, perfeitamente recuperáveis.

Na Avenida Albino de Almeida, onde o movimento hoje é maior porque todo mundo quer ver a ponte sobre o Paraíba interditada, fica a loja do Rachid — Bazar Sandra. Ele não está, mas seu Jorge, o empregado, sabe onde estão os quadros que o prefeito Augusto Pimentão de Carvalho mandou para se colocarem molduras, em 1962, e que até hoje continuam no mesmo estado.

O primeiro papelão ele retira de cima de um monte de quadros, faz menção de jogar fora, mas vira-o para ver o outro lado: é uma litografia de Guignard, Náufrago... seu um navio sem mastro, diz a letra do autor, embaixo.

E seu Jorge continua tirando as telas: Yllen Kerr, Santa Rosa, Goeldi, Luis Jardim, Poty e outros. O mófo e o roído de traça são a constante. E demais para ir embora. Embaixo, sobre um sofá e escurado por um carrinho de criança, o óleo de Iberê Camargo que o prefeito mandou para mudar a moldura. Já está pronto: no lugar da moldura "feia, caçada a mão, pobre mesmo", (a original, colocada pelo autor), reluz uma outra dourada, com trabalhos em relevo — é a mais cara da casa, "custa 30 contos." Seu Jorge não sabe avaliar a obra, mas acha que deve ser muito cara "porque tem para mais de 100 anos."

Os outros quadros estão com Altamiro, que os tirou do depósito pensando em preservá-los. Da Maternidade, de Segall, e da Cabeça, de Pancetti, ninguém sabe mais. Nem do baixo-relevo de Geschiatti.

Arrependimento que calou

— Foi um bando de políticos pulhas que acabou com o museu. Pode escrever: uns imbecis. Já que não se interessam por outra coisa, devam saber ao menos que aquilo valla dinheiro. Só o Segall vale hoje uns NCr\$ 60 mil. O Pancetti, pelo menos uns 30. O óleo de Iberê, uns 20. Mas eles não terão jamais outro Rebêlo para gastar seu dinheiro e seu tempo com isso. Nós que criamos o museu só temos motivos para nos arrependermos do que fizemos. Hoje, ele valeria mais de dez por cento do orçamento do município.

Com dificuldade — foi operado de catarata recentemente — Marques Rebêlo lê um trecho de seu discurso na inauguração do museu: "Mas há maior agradecimento a se fazer neste momento, um agradecimento para o qual não há palavras: o agradecimento do Brasil, tão pobre em museus, por mais uma sala oficial e permanente de exposição, mais uma casa acumuladora de patrimônio artístico, essa riqueza que não tem preço, que nunca desmerece, que é feita de sonho, desinteresse e sofrimento, que é a mais alta riqueza que ao mundo pode legar um povo."

Levanta os óculos escuros e pergunta: — E agora, que é que o Brasil tem para agradecer a Resende?

SEM FUNCIONALIDADE



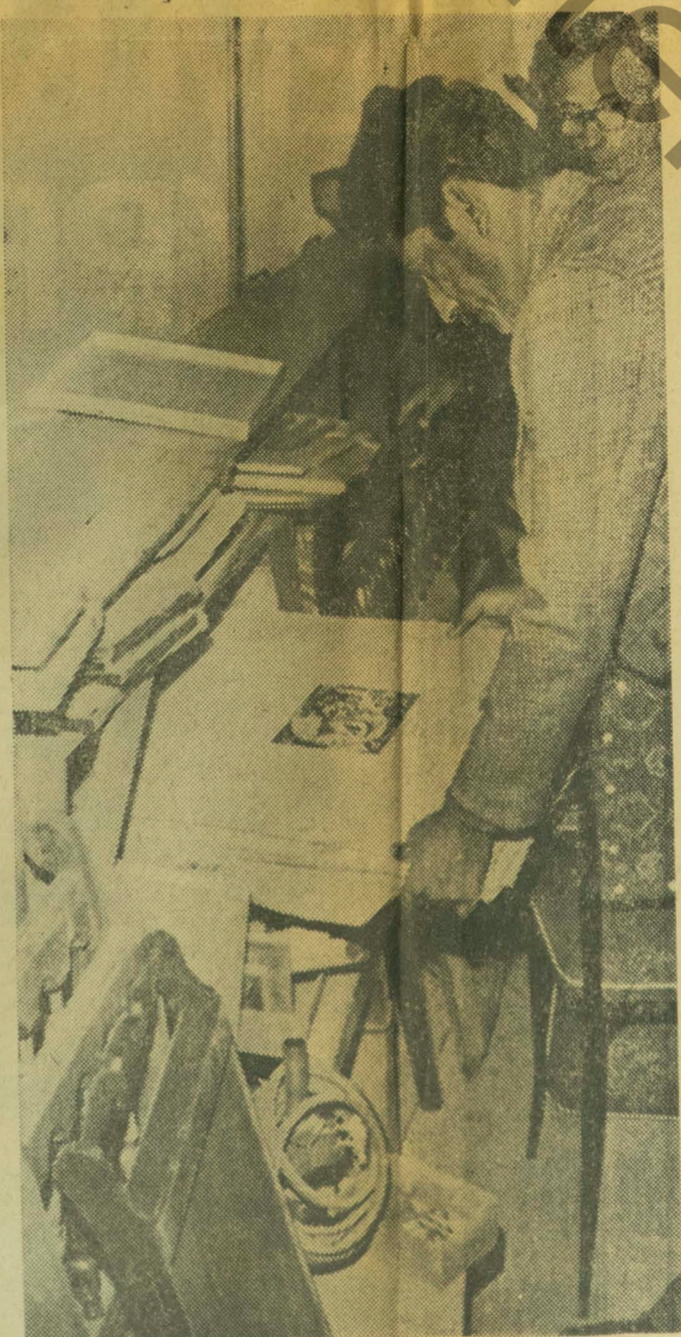
Rua das Laranjeiras, de Iberê Camargo, ganhou uma moldura dourada

QUADROS DESPREZADOS



Na biblioteca, um pouco do que restou do museu

DESTRUIÇÃO PARCIAL



Na loja do Rachid, as traças roreram muitas obras

OBRAS RECUPERÁVEIS



Os quadros tchecos que menos sofreram estão com os vidros quebrados